

TORNAR-SE MÃE DE UM SEGUNDO FILHO: UMA REVISÃO SCOPING

Becoming a mother of a second child: a scoping review

JOANA RITA GUARDA DA VENDA RODRIGUES | Enfermeira – Assistente convidada ESEL, Mestrado em Enfermagem com Especialização em Enfermagem de Saúde Infantil e Pediátrica, Doutoranda em enfermagem da UL/ESEL
[guarda.joana@gmail.com]

MARIA ANTÓNIA MIRANDA REBELO BOTELHO ALFARO VELEZ | Professora coordenadora, Doutoramento em Filosofia – Especialidade: Filosofia Contemporânea, Escola Superior de Enfermagem de Lisboa

Enquadramento: tornar-se mãe de um segundo filho representa um período singular e de transformação, que exige da mulher uma transição para novos papéis, com implicações na saúde e qualidade de vida. Contudo, a evidência que retrata esta transição releva-se dispersa na literatura. **Objetivos:** identificar e mapear a evidência científica disponível sobre a transição da mulher ao tornar-se mãe de um segundo filho. **Método de revisão:** foi efetuada uma revisão *scoping* que seguiu a metodologia preconizada pelo *Joanna Briggs Institute*. **Resultados:** foram identificados 9 estudos publicados entre 1997 e 2013, em que os seus participantes e o momento de colheita de dados diferiram; nenhum foi realizado em Portugal. Num dos estudos, a transição é caracterizada, pelas mulheres participantes, pela procura de um novo equilíbrio e, nos restantes, emergem questões de género e conjugalidade. **Conclusão:** os nove estudos incluídos foram publicados ao longo de dezasseis anos, apresentando alguns elementos caracterizadores desta transição. Mais estudos devem ser realizados para compreender aprofundadamente a perspetiva das mulheres quando se tornam mães pela segunda vez.

PALAVRAS-CHAVE: parentalidade; revisão; mães; segundo filho

Background: *Becoming the mother of a second child represents a singular and transformational period that demands a transition to new roles with repercussions in health and quality of life. However, the evidence portraying this transition in the current literature is scarce and sparse.* **Objective:** *mapping and describing the women's experience in becoming the mother of a second child.* **Review method:** *a scoping review was conducted using the Joanna Briggs Institute methodology.* **Results:** *nine studies published between 1997 and 2013 have been identified, the participants and the time of data collection differ; none of which were carried out in Portugal. In one study women characterize this transition as a quest for a new balance and the remaining are related to gender and conjugality issues.* **Conclusion:** *the nine studies considered in the review were published over a period of 16 years, presenting some elements that characterize this transition. Further studies should be carried out to understand woman's perspectives in depth when they become mothers for the second time.*

KEYWORDS: *parenting; review; mothers; second child*

1. INTRODUÇÃO

A mulher, que é pessoa, “um ser-no-mundo” (Watson, 2002, p.97), ao tornar-se mãe de um segundo filho vive uma situação de transição na parentalidade que impele a uma passagem de uma fase, condição ou estado para outros, podendo traduzir uma mudança no estado de saúde, nas relações de papel, nas expectativas ou competências (Meleis, 2010). Ser mãe de um filho é diferente de ser mãe de dois (Vivian, 2010), na medida em que à singularidade de cada bebê se liga um momento particular da vida da mulher, que precisa de se tornar mãe de um novo ser e acolher cada criança na sua própria vida e na da família (Mercer, 2004). Acresce ainda que o nascimento de um segundo filho também dá origem à fratria e pode despoletar conflitos intrageracionais, na medida em que torna as relações mais complexas (Vivian, 2010). Mães de duas crianças tendem a relatar mais *stress*, do que as mães pela primeira vez ou, do que as mães com três ou mais crianças (O’Reilly, 2004). Estas mães referem sentimentos maternos de ambivalência, tristeza e culpa, de alguma forma relacionados com o luto, por uma diminuição na intensidade no relacionamento com o seu primeiro filho. Além disso, enquanto processo construído em interação, persiste na atualidade enquanto problemática feminina, uma vez que despoleta papéis de género e contribui para a maior sobrecarga das mulheres (Martins, 2013). Esta mudança pode ser exigente e desgastante, sendo um momento que pode ser propício ao surgimento de problemas (Vivian, 2010), tais como a depressão, a ansiedade, a raiva e o cansaço.

Assim, neste contexto tornar-se mãe, enquadra-se num acontecimento de vida que implica reorganização e adaptação devido a todas as mudanças que lhe estão associadas (Mercer, 2004; Martins, 2013), sendo um fenómeno, que vai muito mais além da maternidade enquanto ato de se ser progenitora. Esta transição na parentalidade, conduz a necessidades em saúde, na medida em que a mulher é impelida a incorporar novo conhecimento, a mobilizar novas capacidades e recursos, no sentido de se adaptar ao seu novo papel e à sua nova identidade (O’Reilly, 2004). Os enfermeiros que cuidam da pessoa de forma holística desempenham um papel determinante na facilitação dos processos de transição, que se constituem como um foco de atenção da disciplina de enfermagem (Meleis, 2010). Assim, através do conhecimento que sustenta a operacionalização de um cuidado humano profissional, os enfermeiros podem ajudar a mulher, que se torna mãe de um segundo filho, a adquirir maior autonomia, confiança e capacidade de adaptação ao novo papel.

São inúmeros os estudos e publicações com enfoque na transição para a parentalidade pela primeira (Vivian, 2010; Holditch-Davis & Miles, 2012), nomeadamente desenvolvidos pelos enfermeiros (Holditch-Davis & Miles, 2012). Contudo, a evidência que retrata a transição da mulher ao tornar-se mãe do segundo filho releva-se dispersa na literatura, proporcionando constrangimentos na formulação de questões precisas inerentes a uma revisão sistemática da literatura neste âmbito. Foi desenvolvida uma pesquisa preliminar em que não foi identificada qualquer revisão sistemática da literatura ou protocolo sobre a transição da mulher ao tornar-se mãe de um segundo filho, quer na base de dados de *Joanna Briggs Institute* (JBI), como na *Cochrane* ou na *PubMed*. Deste modo, identificar a evidência disponível na literatura sobre a transição da mulher que se torna mãe pela segunda vez, permitirá, por um lado, revelar e sintetizar o conhecimento da investigação e desse modo poderá informar os enfermeiros sobre a mesma, e por outro permitirá identificar lacunas e/

ou novas investigações a desenvolver. Face ao exposto, a presente revisão *scoping* tem como objetivos identificar e mapear a evidência científica disponível sobre a transição da mulher ao tornar-se mãe de um segundo filho, dando resposta às seguintes questões: como se apresenta a evidência científica sobre a transição da mulher que se torna mãe de um segundo filho (número de estudos, ano e local de realização)? Quais as características da população, na evidência científica disponível sobre a transição da mulher que se torna mãe pela segunda vez (tipo de participantes, tamanho da amostra, momento da colheita de dados relativamente à transição em estudo)? Como é caracterizada a transição da mulher que se torna mãe de um segundo filho, na evidência existente?

2. MÉTODO DE REVISÃO

Foi efetuada uma revisão *scoping* que seguiu a metodologia preconizada pelo *Joanna Briggs Institute* (The Joanna Briggs Institute, 2015). Utilizando a estratégia *participants, concept* e *context* (PCC) foram incluídos na presente revisão *scoping* estudos em que o tipo de participantes (P) incluam mulheres, com mais de dezoito anos de idade, que se tornam mães de um segundo filho, e quer estas, quer os filhos, sejam saudáveis. Quanto ao conceito (C): esta revisão integrou todos os estudos que abordassem a transição da mulher que se torna mãe de um segundo filho. Relativamente ao contexto (C) foram considerados os estudos que incidiram sobre a transição em análise, no contexto de um segundo filho, qualquer que fosse o local de cuidados de saúde - hospitalar, cuidados de saúde primários -, comunitário, escolar ou outro, onde o estudo tivesse sido desenvolvido; assim como todos os contextos geográficos.

Foram incluídos todos os estudos de pesquisa primária, quantitativa ou qualitativa, como também revisões sistemáticas, incluindo a meta-análises ou meta-sínteses. Foram excluídos os estudos em que as mulheres, mães de um segundo filho, fizessem parte de uma amostra maior de mulheres ou homens com dois ou mais filhos, mas em que não foi possível identificar de forma precisa e separadamente os dados destas mulheres.

Estratégia de pesquisa: o planeamento da presente revisão foi efetuado antecipadamente e documentado num protocolo que seguiu a metodologia descrita em *Joanna Briggs Institute Reviewers' Manual* (The Joanna Briggs Institute, 2015). Foram mobilizados os elementos PCC anteriormente apresentados para definir os termos de pesquisa e suas combinações. A estratégia de pesquisa definida pretendeu identificar os estudos publicados e não publicados até janeiro de 2016 e desenrolou durante três momentos que decorreram entre abril e junho de 2016. Pesquisa inicial: foi realizada na *CINAHL Plus with Full Text* e na *MEDLINE with Full Text* usando palavras-chave preliminares obtidas a partir da linguagem natural: *mothers, parenthood, second child, transition, experiences*. Seguiu-se a análise das palavras do título e do resumo, usados na descrição dos artigos obtidos, e posteriormente a identificação dos termos de indexação. Foram efetuados vários testes para refinar a estratégia de pesquisa. Segunda pesquisa: a partir de todas as palavras-chave identificadas e dos termos de indexação procedeu-se a uma pesquisa nas bases de dados, *CINAHL Plus with Full Text* e na *MEDLINE with Full Text*.

Terceira pesquisa: analisaram-se as referências bibliográficas nos registos anteriormente identificados. Foram também procurados estudos não publicados e literatura cinzenta nos repositórios de bibliotecas.

Apenas os estudos em língua portuguesa, inglesa e espanhola foram incluídos nesta revisão devido aos limitados recursos disponíveis e limitações temporais. Para a obtenção do texto integral das publicações e/ou estudos procedeu-se ao contato com os autores (por email ou através da *Research Gate*), especialistas e organizações.

As referências extraídas foram geridas através de um *software* (Mendley®), tendo sido removidos os duplicados. Através da leitura do título e / ou resumo, por dois revisores independentes, foram excluídos os registos que não contemplavam os critérios de inclusão. A relevância dos estudos identificados a partir das referências bibliográficas obtidas na segunda pesquisa desenvolvida, assim como a partir de estudos não publicados, literatura cinzenta e websites, foi avaliada com base no título estudo. Foi extraído o texto integral dos estudos relevantes. Posteriormente os dados colhidos foram resumidos e registados em tabelas próprias, organizadas de acordo com os seguintes itens: título, autores, local da publicação, ano, local do estudo, desenho, momento da colheita de dados, objetivo do estudo, participantes, transição da mulher ao tornar-se mãe de um segundo filho.

3. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Tal como previsto numa revisão *scoping* os resultados são apresentados em tabelas, de modo a permitir um mapeamento dos dados extraídos e paralelamente discutidos em forma narrativa, de modo a que seja possível enquadrar os resultados obtidos com o objetivo da revisão.

Foram identificadas 219 referências na *CINAHL Plus with Full Text* e 198 na *MEDLINE with Full Text*, perfazendo um total de 376 registos. Após a remoção dos 51 duplicados, da inclusão de um registo obtido através das referências previamente identificadas, e conseqüente leitura do título e do resumo permaneceram 20 registos. Após a leitura do texto integral foram excluídas 11 publicações por não cumprirem os critérios de inclusão, tendo sido identificadas e analisadas 9 publicações, 7 com desenhos quantitativos e/ou mistos (Krieg, 2007; Lorensen, Wilson, & White, 2004; Hakulinen, Paunonen, White, & Wilson, 1997; Katz-Wise, Priess, & Hyde, 2010; Möller, Hwang, & Wickberg, 2006; Moller, Hwang, & Wickberg, 2008; Szabó, Dubas, & Aken, 2012) e 2 com desenhos qualitativos (O'Reilly, 2004; Barnes, 2013) (ver Figura 1).

De referir que duas das referências identificadas (Jordan, 1989; Sammons, 1990) não foram incluídas por não ter sido possível aceder ao texto integral, embora tenham sido efetuadas inúmeras ações nesse sentido e que incluíram tentativas de contato com os autores (por email ou através da *Research Gate*), pesquisa através de inúmeras bases de dados de distintas instituições e solicitação a profissionais peritos nesta matéria. Possivelmente, o facto destes registos datarem de 1989 e 1990 expliquem a impossibilidade no acesso ao seu texto integral.

Ano de publicação e local de realização dos estudos incluídos na revisão: tal como descrito na tabela 1, as referências incluídas dizem respeito a estudos publicados entre 1997 e 2013. Dois desses estudos foram publicados em 2004 e os outros cinco de 2006 a 2012, com exceção de 2009 em que não foi identificada nenhuma referência que reunisse os critérios de elegibilidade, ou seja, verifica-se que desde 2004, em média, é publicado um estudo com os critérios definidos. Quatro desses estudos foram realizados nos Estados Unidos da América, os restantes no norte da Europa e Países Baixos, isto é, dois na Suécia, um na Finlândia, na Noruega e na Holanda, respetivamente.

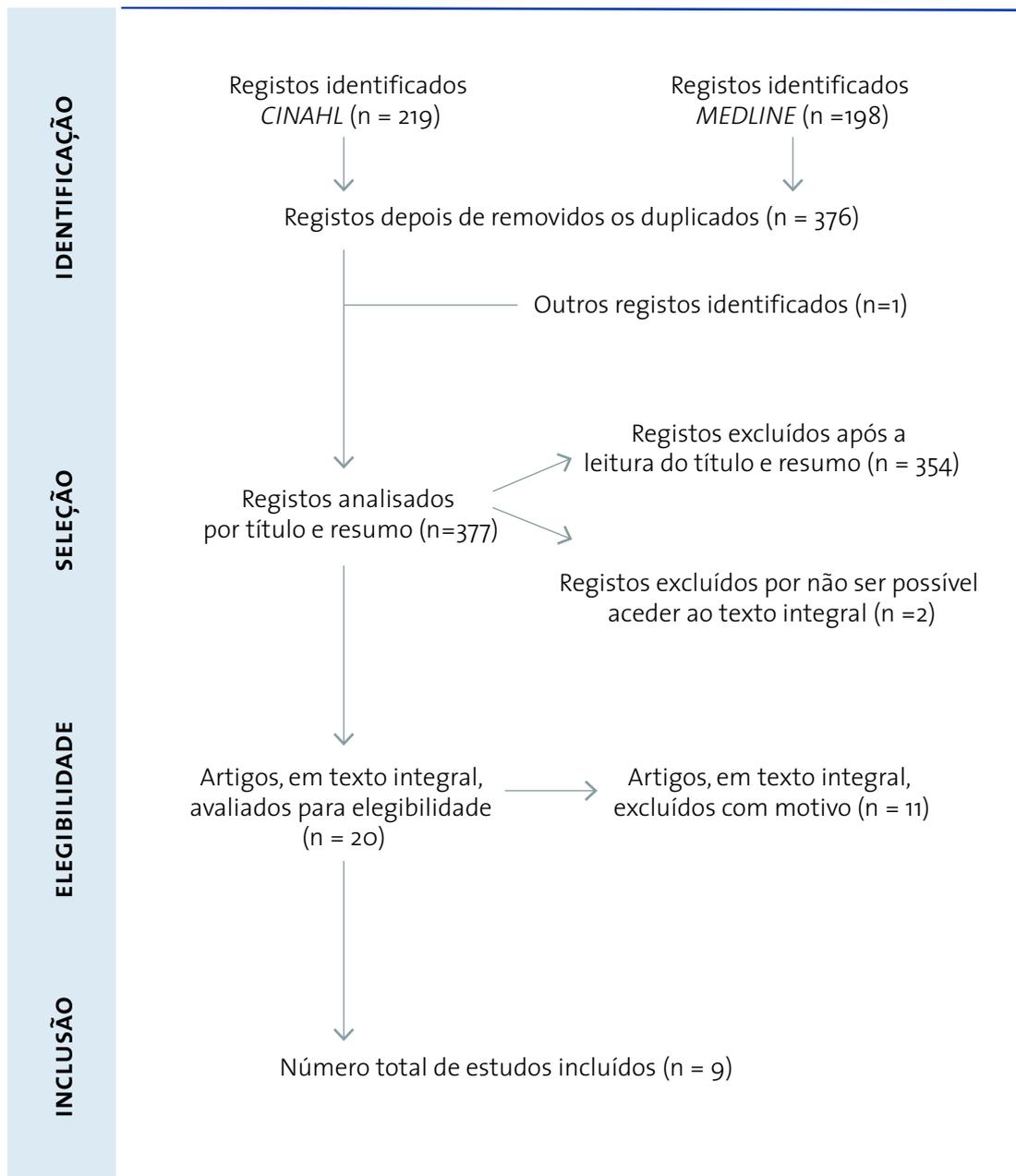


FIGURA 1. FLUXOGRAMA PRISMA (ADAPTADO): PROCESSO DE SELEÇÃO DAS REFERÊNCIAS.

TABELA 1. ANO DE PUBLICAÇÃO E LOCAL DE REALIZAÇÃO DOS ESTUDOS INCLUÍDOS NA REVISÃO

AUTOR(ES)	ANO DA PUBLICAÇÃO	LOCAL DE REALIZAÇÃO DO ESTUDO
Hakulinen et al.	1997	Finlândia
O'Reilly	2004	EUA
Lorensen et al.	2004	Noruega
Möller et al.	2006	Suécia
Krieg	2007	EUA
Moller et al.	2008	Suécia
Katz-Wise et al.	2010	EUA
Szabó et al.	2012	Holanda
Barnes	2013	EUA

Participantes no estudo *versus* tamanho das amostras: como pode ser verificado na tabela 2, os participantes e o tamanho da amostra foram variáveis. Apenas num estudo fenomenológico as participantes foram 10 mulheres, mães de um segundo filho (O'Reilly, 2004). Nos restantes estudos (Krieg, 2007; Barnes, 2013; Lorensen et al., 2004; Hakulinen et al., 1997; Katz-Wise et al., 2010; Möller et al., 2006; Moller et al., 2008; Szabó et al., 2012) os participantes foram mães e/ou pais, com um, dois ou mais filhos, ou mesmo todo o agregado familiar (mãe, pai e filho(s)). Dois estudos incluíram mulheres com um ou dois filhos, num deles 40 mulheres esperavam o primeiro e 42 esperavam o segundo filho (Krieg, 2007), no outro cujas participantes foram 16 mulheres, 8 esperavam o primeiro filho e 8 o segundo filho (Barnes, 2013). Em três estudos os participantes variaram entre os 131 e os 230 pares de mães e pais, com um ou dois filhos, vejamos: no estudo desenvolvido por Lorensen et al., (2004) participaram 133 pares de mães e pais pela primeira vez e 97 pares de mães e pais pela segunda vez; no estudo desenvolvido por Hakulinen et al. (1997) a amostra contemplou 136 famílias (136 mães e 131 pais), em que todas as mães se encontravam no terceiro trimestre, de uma primeira (52%) ou da segunda (48%) gravidez saudável; e no estudo levado a cabo por Katz-Wise et al. (2010) participaram 205 mães e pais pela primeira vez e 198 mães e pais com um segundo filho. Dois estudos incluíram mães e pais com um, dois ou mais filhos, em que a amostra foi composta por 251 indivíduos, 128 mães e 123 pais, em que aproximadamente metade dos participantes foram pais pela primeira vez, enquanto 38% eram pais de segundo-tempo e os restantes pais tiveram mais de dois filhos (Möller et al., 2006; Moller et al., 2008). Num dos estudos em que participaram pais, mães e os filhos biológicos, a amostra incluiu 88 casais que coabitavam com um filho biológico até aos 2 anos de idade e com as mães grávidas de um segundo filho (Szabó et al., 2012).

TABELA 2. IDENTIFICAÇÃO DO NÚMERO DE ESTUDOS COM O MESMO TIPO DE PARTICIPANTES E RESPECTIVO TAMANHO DA AMOSTRA

Nº DE ESTUDOS	AUTOR(ES)	TIPO DE PARTICIPANTES	TAMANHO DA AMOSTRA
1	O'Reilly (2004)	Mulheres com um 2º filho	10
2	Krieg (2007)	Mulheres com 1 ou 2 filhos	80 (40 que esperavam o 1ºfilho + 40 que esperavam o 2ºfilho)
	Barnes (2013)		16 (8 esperavam o 1º e 8 o 2º filho)
3	Lorensen et al. (2004)	Mães e pais com 1 ou 2 filhos	133 pares de mães e pais pela primeira vez + 97 pela 2ª vez
	Hakulinen et al. (1997)		136 famílias (136 mães e 131 pais – 52% esperavam o 1º + 48% esperavam o 2º filho)
	Katz-Wise et al. (2010)		205 pela 1ª vez + 198 pela 2ª vez
2	Möller et al. (2006)	Mães e pais com 1, 2 ou + filhos	251 indivíduos (128 mães e 123 pais – cerca de 50% com 1 filho + 38% com 2 filhos + 12% com mais de 2 filhos)
	Moller et al. (2008)		
1	Szabó et al. (2012)	Famílias (mães, pais e filhos) que esperam um segundo filho	88

Momentos da colheita de dados: tal como se encontra representado na tabela 3, dependendo do desenho do estudo, os momentos de colheita de dados foram distintos nos estudos identificados, variando entre um só momento e quatro momentos, nunca tendo sido iniciada a colheita antes do 2º trimestre de gravidez, nem terminado após os 24 meses. Em 6 estudos a colheita de dados ocorreu no terceiro trimestre da gravidez (Krieg, 2007; Barnes, 2013; Lorensen et al., 2004; Hakulinen et al., 1997; Katz-Wise et al., 2010), tendo sido iniciada, no estudo levado a cabo por Szabó et al. (2012), no segundo trimestre de gravidez. Em 3 estudos a colheita foi efetuada no primeiro mês de vida (Krieg, 2007; Szabó et al., 2012; Katz-Wise et al., 2010). Em 2 estudos entre as 2 e as 20 semanas de vida (5 meses) (Möller et al., 2006; Moller et al., 2008). No estudo desenvolvido por Lorensen et al. (2004) a colheita decorreu quando o segundo filho tinha entre os 7-9 meses, e entre os 6-24 meses no estudo de O'Reilly (2004), respetivamente. Por fim, em 3 dos estudos identificados a colheita de dados ocorreu quando o segundo filho tinha 12 meses de idade (Katz-Wise et al., 2010; Szabó et al., 2012; Barnes, 2013).

TABELA 3. IDENTIFICAÇÃO DOS ESTUDOS E RESPECTIVOS MOMENTOS DE COLHEITA DE DADOS

NÚMERO DE ESTUDOS	AUTORES	MOMENTO(S) DA COLHEITA DE DADOS
1	Hakulinen et al. (1997)	- 3º trimestre de gravidez
2	Möller et al. (2006) Moller et al. (2008)	- Entre a 2ª e a 20ª semanas após o parto
1	Krieg (2007)	- 3º trimestre - 1 mês após o parto
1	Lorensen et al. (2004)	- 3º trimestre - Entre o 7º e o 9º mês
1	O'Reilly (2004)	- Entre o 6º e o 24º mês
2	Szabó et al. (2012)	- 2º/3º trimestre ; 1 mês ; 12 meses
	Barnes (2013)	- 3º trimestre; 8ª-21ª semanas ; 12º mês
1	Katz-Wise et al. (2010)	- 3º trimestre; 1 mês; 4 meses; 12º mês

A transição da mulher ao tornar-se mãe de um segundo filho: no estudo fenomenológico descritivo desenvolvido por O'Reilly (2004), com o objetivo de descrever a experiência de transição para a parentalidade a partir da perspectiva da mulher que é mãe pela segunda vez, pode ler-se que o nascimento do segundo filho leva as mulheres participantes no mesmo a procurarem e a alcançarem um novo equilíbrio para integrar uma segunda criança na família, o que exige fazer ajustes e estabelecer prioridades (O'Reilly, 2004). De acordo com o autor, emergiram sete temas como elementos comuns à vida de todas as 10 participantes. O primeiro tema foi designado por *equilibrando os elementos positivos e os negativos das primeiras semanas* após o parto. As mães participantes descreveram a amamentação nas primeiras semanas como uma atividade muito demorada que retirou tempo para dormir e para estar com o primeiro filho. O segundo tema denominado *sabendo o que esperar*, refere-se ao facto destas mulheres se tornarem mães mais confiantes e menos stressadas durante a transição pela segunda vez, o que lhes permitia desfrutar dos seus bebés, facto associado ao conhecimento detido sobre os cuidados ao recém-nascido e à capacidade para antecipar a mudança. *Estabelecendo uma nova rotina* foi outro dos temas identificado no estudo, uma área exemplificativa deste ajustamento está relacionada com o padrão de sono das crianças, situação com impacto significativo sobre a vida das mulheres neste âmbito. As participantes frequentemente tinham seguido soluções da literatura comum, em vez de procurarem aconselhamento junto dos profissionais (O'Reilly, 2004). *Mantendo a relação conjugal* foi outro dos temas comuns. Foram várias as mulheres que referiram que a adição de uma segunda criança provocou maior pressão no relacionamento conjugal. Além disso, apesar das mães perceberem que deveriam passar mais tempo com o marido, esta não se assumia como uma prioridade nas suas vidas. Quanto ao

tema, *fazendo uma pausa* as participantes referiam sentir necessidade de fazer uma pausa, mas descobriram que esta vontade tinha baixa prioridade, face a tantas outras coisas que tinham para fazer (O'Reilly, 2004). Relativamente ao tema, *procurando suporte*, as mulheres neste estudo apreciaram o apoio dos seus maridos; algumas mencionaram que só podiam confiar em mulheres que partilhavam da sua filosofia de educação (O'Reilly, 2004). *Nutrindo os relacionamentos entre os membros da família* foi o último tema revelado. As mulheres estavam preocupadas com o seu relacionamento com cada criança, com a relação do pai com as crianças e com a relação das crianças. O autor conclui que esmagadoramente as mães encontraram na adição de uma segunda criança na família uma experiência positiva, independentemente do esforço que levou para acomodar nas suas vidas as necessidades de dois filhos. Embora as mães pela segunda vez encarassem esta transição com uma riqueza de conhecimentos, esta investigação destaca que estas mulheres podem ter preocupações que não são abordadas. O autor sublinha que estar consciente das questões com que as mães pela segunda vez são confrontadas pode ajudar os enfermeiros a direcionar a sua avaliação e a oferecer intervenções que vão ao encontro das necessidades das mulheres que se tornam mães pela segunda vez (O'Reilly, 2004). Por sua vez, as mães pela segunda vez, participantes no estudo desenvolvido por Krieg (2007), com o objetivo de compreender como é que ter um filho afeta as mulheres que são mães pela primeira e pela segunda vez, relataram não sentir maior capacidade para cuidar do segundo filho e identificaram um aumento do stress parental, do pré para o pós parto. Além disso, ao longo do tempo os aspetos positivos da qualidade conjugal diminuíram, verificando-se inclusive que, um mês após o parto, o número de tarefas domésticas por que eram responsáveis tinha aumentado. De acordo com o mesmo estudo, ter um bebé não se torna mais difícil da segunda vez, poderá existir maior estabilidade, sendo que o relacionamento conjugal pode amenizar o *stress* para as mães de segundo tempo (Krieg, 2007). Möller et al. (2006) ao procurarem examinar a associação entre os estilos de vinculação e a relação dos casais após a transição para a parentalidade, verificaram que para as mães pela segunda vez, uma vinculação insegura com o parceiro foi significativamente associada com a insatisfação no relacionamento do casal. Por sua vez, Moller et al. (2008) ao investigarem se a satisfação com o relacionamento do casal, durante a transição para a parentalidade, estava relacionada com as atividades domésticas - considerando fatores stressantes, o temperamento da criança e o suporte existente -, verificaram que, para as mulheres que têm um segundo filho, existe uma correlação significativa entre a carga de trabalho doméstico e a qualidade do relacionamento do casal. Numa sociedade, como a sueca, onde o estudo foi desenvolvido, com um elevado nível de igualdade entre homens e as mulheres, o trabalho doméstico e o *stress* parecem ser indicadores de felicidade no relacionamento para as mulheres que recentemente se tornaram mães pela segunda vez. Hakulinen et al. (1997) procuraram descrever a dinâmica familiar durante o terceiro trimestre de uma gravidez saudável, em famílias que tinham o seu primeiro ou segundo filho, no sudoeste da Finlândia. As mães pela segunda vez relataram mais conflitos de papéis e isolamento, sugestivo do aumento da complexidade de papéis que surge com cada bebé e com as exigências diárias que requerem a modificação de rotinas previamente estabelecidas. Szabó et al. (2012) ao examinar a estabilidade e a mudança na coparentalidade (isto é, a cooperação entre os pais) e a sua ligação com o temperamento da criança, em famílias que passavam pela transição de ter uma segunda criança, identificou uma melhor coparentalidade,

além disso, as mães com um segundo filho fácil relataram uma coparentalidade mais estável. Não obstante, quando a segunda criança era mais difícil verificava-se uma maior variabilidade, ou seja, o relato da coparentalidade com o primeiro filho, não previa a coparentalidade com um segundo filho difícil. No estudo desenvolvido por Lorensen et al. (2004), que pretendeu explorar as relações entre a dinâmica familiar, o vínculo mãe-feto e o temperamento infantil, as mães relataram quer um aumento de conflitos de papéis, bem como em maior número, do que os seus parceiros. Pais do segundo tempo perceberam as dinâmicas familiares menos positivas do que os pais pela primeira vez, bem como um menor apego mãe-feto. De acordo com os autores, os prestadores de cuidados de saúde podem oferecer suporte para os novos pais relativamente à negociação de novas funções no relacionamento. Katz-Wise et al. (2010) examinou as mudanças nas atitudes de papel de género e comportamento ao longo da transição para a parentalidade pela primeira vez e após o nascimento de uma segunda criança. Os autores verificaram que as atitudes relacionadas com o papel de género se tornaram mais tradicionais desde a gravidez até aos doze meses de idade, mantendo-se neste registo para os pais pela segunda vez. Verificou-se também que a família assumiu maior relevância e o trabalho menor e que a identidade sofreu modificações nas mulheres na transição para a parentalidade pela segunda vez, mas não de forma tão significativa como com no primeiro filho. De acordo com os autores, os resultados sugerem que as mudanças de atitudes e comportamentos em papéis de género após o nascimento de uma criança podem ser também atribuídas à negociação face às necessidades inerentes a ter um novo bebé na família.

Por sua vez, Barnes (2013) no estudo que realizou nos EUA e em que tinha como objetivo clarificar como é que as mães pela primeira e pela segunda vez decidem sobre a duração da sua licença de maternidade, verificou que as mulheres grávidas de um segundo filho participantes no estudo falavam de um modo mais confiante e que tomavam decisões diferentes umas das outras. Além disso, estas mulheres partilhavam, por um lado, a crença de que seis semanas pagas para a licença de maternidade era insuficiente, e por outro, o desejo de que a mesma fosse aumentada, que os maridos também tivessem direito e que existisse maior flexibilidade na mesma. Estas mulheres mostraram também adequar a licença à situação familiar, o que passava por exemplo, por um maior planeamento da gravidez.

4. DISCUSSÃO

Com esta revisão foram identificados 9 estudos publicados entre 1997 e 2013 (16 anos), não tendo sido identificado nenhum estudo publicado com a estratégia e os critérios definidos, nos últimos 3 anos, face à data da pesquisa. Os estudos decorreram maioritariamente nos Estados Unidos da América (4 estudos) e no Norte da Europa e Países Baixos (2 na Suécia, 1 na Finlândia, na Noruega e na Holanda). Não foram identificados estudos realizados em Portugal. Sete dos nove estudos identificados utilizaram uma abordagem mista e/ou quantitativa. Apenas num estudo as participantes foram mulheres mães de um segundo filho. Nos restantes estudos identificados os participantes foram mães e/ou pais, com um, dois ou mais filhos, ou mesmo a família (mãe, pai e os dois filhos). Em 6 estudos a colheita de dados ocorreu

no 3º trimestre, em 3 estudos no primeiro mês; em 2 estudos entre 2-20 semanas - em média às 9,1 semanas - (5 meses); 1 estudo entre os 7-9 meses; 1 estudo entre os 6-24 meses; 3 estudos aos 12 meses. Ou seja, a colheita de dados destes estudos decorreu maioritariamente entre o 3º trimestre gravidez e os 12 meses de vida do segundo filho, o que leva a inferir que a transição para a parentalidade, pela segunda vez, é mais intensa neste período. De referir ainda, que dependendo do estudo, a colheita de dados foi realizada em um, em dois, em três ou no máximo em quatro momentos.

A destacar que foram excluídos os estudos cujas mulheres ou as crianças não eram saudáveis e/ou que não se enquadravam nos critérios de inclusão; ou quando não era possível distinguir os achados relacionados com a mulher que é mãe de um segundo filho. Um estudo investigou a experiência vivida da mulher ao tornar-se mãe de um segundo filho e identificou os elementos comuns à vida destas mulheres (O'Reilly, 2004), nos restantes na caracterização da transição em estudo foram focadas as questões de género e de relacionamento e satisfação conjugal (Möller et al., 2006; Krieg, 2007; Moller et al., 2008; Lorensen et al., 2004; Hakulinen et al., 1997; Katz-Wise et al., 2010; Szabó et al., 2012) e de licença parental (Barnes, 2013). De destacar, a influência do tipo de relacionamento com o parceiro e da carga doméstica, com a satisfação conjugal, assim como o maior conflito de papéis e isolamento relatados pelas mulheres na vivência desta segunda transição, que pode surgir atendendo à maior complexidade e às exigências diárias. De referir que aspetos inerentes às emoções, às necessidades, aos recursos mobilizados pelas mulheres nesta transição não foram identificados. Para que tais questões sejam consideradas mais pesquisas precisam de ser conduzidas, tal como também é referido nos estudos identificados. De referir que esses mesmos estudos têm como limitação o facto de terem sido desenvolvidos maioritariamente nos Estados Unidos da América, assim como no norte da Europa e Países Baixos, nas amostras estavam integradas mulheres e/ou homens e filhos de classe média e/ou média alta, com estudos, casados ou a viverem em juntos, que se voluntariaram, além disso, atendendo às características dos estudos, da amostra e da dimensão das mesmas os resultados não permitem efetuar generalizações.

5. CONCLUSÃO

A presente revisão *scoping* teve como objetivos identificar e mapear a evidência científica existente sobre a transição da mulher ao tornar-se mãe de um segundo filho. Foram identificados 9 estudos publicados entre 1997 e 2013 que decorreram maioritariamente nos Estados Unidos da América e no Norte da Europa e Países Baixos. Não foram identificados estudos realizados em Portugal. A colheita de dados dos referidos estudos decorreu predominantemente entre o 3º trimestre de gravidez e os 12 meses de vida do segundo filho. A transição da mulher ao tornar-se mãe de um segundo filho é caracterizada pela procura de um novo equilíbrio com vista à integração de uma segunda criança na família, em que as questões de género e da conjugalidade emergem. Mais estudos neste âmbito devem ser efetuados nomeadamente no sentido de explorar as perceções das mulheres sobre esta etapa do ciclo de vida, de modo a que esta transição seja compreendida de modo aprofundado e o processo de transição possa ser facilitado.

6. IMPLICAÇÕES PARA A INVESTIGAÇÃO

Atendendo à revisão efetuada verifica-se que mais estudos de cariz qualitativo e quantitativo relativo à transição da mulher ao tornar-se mãe de um segundo filho precisam ser realizados. A investigação futura deve centrar-se nas mulheres e considerar a sua perspetiva/vivências face à experiência desta transição, contemplando os elementos que a caracterizam, bem como as suas necessidades e recursos.

7. LIMITAÇÕES DA REVISÃO

Nesta revisão foram apenas incluídos estudos em inglês, português e espanhol. A inclusão de artigos noutros idiomas poderia ter trazido contributos relevantes. Além disso, importa referir que uma das maiores limitações desta revisão *scoping* diz respeito ao reduzido número de bases de dados incluídas na mesma, na medida em que uma maior diversidade poderia tornar a pesquisa mais extensa e trazer outros contributos significativos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARNES, M.(2013). Having a First Versus a Second Child: Comparing Women's Maternity Leave Choices and Concerns. *Journal of Family Issues*, 34(1), 85–112.
- HAKULINEN, T., PAUNONEN, M., WHITE, M., & WILSON, M.(1997). Dynamics of families during the third trimester of pregnancy in southwest Finland. *International Journal of Nursing Studies*, 34(4), 270–277.
- HOLDITCH-DAVIS, D., & MILES, M.(2012). Parenting research in nursing. In *Encyclopedia of Nursing Research* (Third edit). NY: Springer Publishing Company.
- JORDAN, P.(1989). Support behaviors identified as helpful and desired by second-time parents over the perinatal period. *Maternal-Child Nursing Journal*, 18(2), 133–145.
- KATZ-WISE, S., PRIESS, H., & HYDE, J.(2010). Gender-role attitudes and behavior across the transition to parenthood. *Developmental Psychology*, 46(1), 18–28.
- KRIEG, D.(2007). Does motherhood get easier the second-time around? Examining parenting stress and marital quality among mothers having their first or second child. *Parenting: Science & Practice*, 7(2), 149–175.
- LORENSEN, M., WILSON, M., & WHITE, M.(2004). Norwegian families: transition to parenthood. *Health Care for Women International*, 25(4), 334–348.
- MARTINS, C.(2013). *A transição no exercício da parentalidade durante o primeiro ano de vida da criança: uma teoria explicativa de enfermagem*. Universidade de Lisboa.

- MELEIS, A.(2010). *Transitions theory: middle range and situation specific theories in nursing research and practice*. New York: Springer Publishing Company, LLC.
- MERCER, R.(2004). Becoming a Mother Versus Maternal Role Attainment. *Journal of Nursing Scholarship*, 36(3), 226–232.
- MOLLER, K., HWANG, C., & WICKBERG, B.(2008). Couple relationship and transition to parenthood: does workload at home matter? *Journal of Reproductive & Infant Psychology*, 26(1), 57–68.
- MÖLLER, K., HWANG, C., & WICKBERG, B.(2006). Romantic attachment, parenthood and marital satisfaction. *Journal of Reproductive & Infant Psychology*, 24(3), 233–240.
- O'REILLY, M.(2004). Achieving a new balance: women's transition to second-time parenthood. *JOGNN: Journal of Obstetric, Gynecologic & Neonatal Nursing*, 33(4), 455–462.
- PARSE, R.(1992). Human Becoming: Parse's Theory of Nursing. *Nursing Science Quarterly*, 5(1), 35–42.
- SAMMONS, L.(1990). Psychological aspects of second pregnancy. *NAACOG's Clinical Issues In Perinatal And Women's Health Nursing*, 1(3), 317–324.
- SZABÓ, N., Dubas, J., & Aken, M.(2012). And baby makes four: The stability of coparenting and the effects of child temperament after the arrival of a second child. *Journal of Family Psychology*, 26(4), 554–564.
- THE JOANNA BRIGGS INSTITUTE(2015). *The Joanna Briggs Institute Reviewers' Manual 2015: Methodology for JBI Scoping Reviews*. South Australia: The Joanna Briggs Institute.
- VIVIAN, A.(2010). *Tornar-se mãe de um segundo filho: da gestação ao segundo ano de vida*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- WATSON, J.(2002). *Enfermagem: ciência humana e cuidar uma teoria de enfermagem*. Loures: Lusociência.

